

**A saída de si ao encontro do outro:  
o discurso religioso do papa Francisco  
pautado pelo viés etnográfico**

**The departure of oneself to meet the other:  
Pope Francis' religious discourse  
based on ethnographic perspective**

*Vinicius da Silva Vieira*<sup>1</sup>

**RESUMO**

O presente artigo tem por objetivo descrever e analisar o discurso do papa Francisco, identificando aspectos do pensamento e da abordagem etnográfica no apelo que o líder religioso faz aos fiéis cristãos(ãs) em prol de uma Igreja em saída. O material de análise é composto de excertos extraídos das exortações apostólicas *Evangelii gaudium* e *Gaudete et exsultate*, que descreveremos à luz dos campos dos estudos discursivos de linha francesa, da análise do discurso religioso e da etnografia, sendo esta tomada por nós não só como um método de pesquisa, mas como categoria de pensamento, isto é, como um postulado que rege o lidar de seres humanos com outros seres humanos. Constatamos, no discurso do papa Francisco, significativa presença de traços de um modelo etnográfico reflexivo-performativo (pensamento-prática), que apontam para a experiência de uma Igreja renovada e em permanente saída.

**PALAVRAS-CHAVE**

Análise do discurso. Discurso religioso. Etnografia. Papa Francisco. Igreja em saída.

---

<sup>1</sup> Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada da Universidade Estadual do Ceará (UECE). O autor é religioso consagrado do Instituto Filhos da Misericórdia de Jesus Salvador (Fortaleza -CE). Bolsista da CAPES.

**ABSTRACT**

The purpose of this article is to describe and analyze the discourse of pope Francis, identifying aspects of ethnographic thought and approach in the religious leader's appeal to the Christian faithful for an outgoing Church. The material of analysis is composed of excerpts extracted from the apostolic exhortations *Evangelii gaudium* and *Gaudete et exsultate*, which we shall describe in the light of the fields of French discursive studies, the analysis of religious discourse and ethnography, which is taken not only by both as a method of research and a category of thought, that is, as a postulate that governs the dealing of human beings with other human beings. We find in the discourse of pope Francis a significant presence of traces of a reflective-performative ethnographic model (thought-practice), which point to the experience of a renewed and permanent Church.

**KEYWORDS**

Discourse analysis. Religious discourse. Ethnography. Pope Francis. Church on the way out.

**Introdução**

Dentre as variadas práticas discursivas que circundam e permeiam os sujeitos na sociedade, encontramos o discurso religioso (doravante, DR). Não raro, quando se fala no assunto religião, damos conta da ocorrência de polêmicas, conflitos e reflexões acerca da (in)tolerância religiosa nos meios sociais. Todavia, devemos considerar que o termo também remete à busca por sentidos existenciais, à adoção de valores que regem posturas e vivências e às experiências com o sagrado. Seja de uma forma ou de outra, é incontestável que o DR atravessa variadas práticas sociais.

Nesse sentido, deparamo-nos constantemente com o fato de as crenças e as instituições religiosas serem fatores a partir dos quais os sujeitos fazem escolhas em suas outras vivências, ou seja, a religião muitas vezes é a motivadora das transformações que ocorrem nas realidades dos sujeitos, balizando o modo de pensar e agir destes. Depreendemos

a importância do âmbito religioso por ele reger as práticas humanas que ocorrem em outros âmbitos; por exemplo, nos ambientes de trabalho, de estudo e lazer, bem como nas vivências familiares e de amizade, há sempre uma marca da religiosidade das pessoas, ainda que seja uma simples opinião que envolva crença ou religião. Logo, as diversas religiosidades existentes dizem muito da identidade de cada ser humano.

Além disso, não há como falarmos de práticas e vivências religiosas sem entendê-las como vinculadas à alteridade. Diversas religiões atestam que a experiência religiosa tem sua autenticidade validada quando o sujeito que a obteve é capaz de compartilhá-la com outrem, realizando um processo de saída de si para encontrar o próximo em sua realidade.

Devido à relevância das práticas discursivas religiosas na sociedade, é que justificamos o objetivo do presente artigo de descrever e analisar o DR do papa Francisco, identificando, nos apelos feitos aos seus interlocutores<sup>2</sup>, aspectos do pensamento e da abordagem etnográfica, ainda que ele não utilize essas terminologias, haja vista não fazer um trabalho de pesquisador, e sim exercer uma atividade pastoral. Isso não o impede de adotar a etnografia – não só como um método, mas também como um pensamento norteador – como base no direcionamento feito aos cristãos para a *práxis* cristã.

Nossa discussão fundamentar-se-á em teóricos dos estudos discursivos – onde se insere a Análise do Discurso (doravante, AD), mais especificamente a de linha francesa com as contribuições de Patrick Charaudeau, e o DR – e da etnografia, tomada sob uma perspectiva não só de método, mas de pensamento que aponta para uma prática. Como material de análise para execução do nosso objetivo, escolhemos duas exortações apostólicas escritas pelo papa Francisco – *Evangelii gaudium: sobre o anúncio do evangelho no mundo atual* e *Gaudete et exsultate: sobre o chamado à santidade no mundo atual* – das quais extrairemos alguns excertos para nossa reflexão.

A organização retórica do presente artigo é formada por oito seções, sendo esta introdução a primeira. Na segunda seção, abordamos expositivamente os estudos discursivos, mormente os de linha francesa.

---

<sup>2</sup> Neste artigo, adotaremos a compreensão de que o discurso do papa Francisco não é restrito apenas aos fiéis católicos.

Na terceira, apresentamos especificidades da análise do DR. Na quarta, trazemos aspectos fundamentais acerca da etnografia. Na quinta, discorremos brevemente sobre a *persona* do papa Francisco e a sua gestão eclesial. Na sexta, apresentamos nossa metodologia. Na sétima, explicitamos nossa análise, seguida das considerações finais.

## 1. Os estudos discursivos e a Análise do Discurso

Os variados discursos que permeiam a sociedade constituem um terreno propício para pesquisas em Linguística Aplicada, uma vez que os estudos discursivos vão profundamente ao encontro de um dos seus principais objetivos, que é a preocupação com e a investigação de “problemas de uso da linguagem situados na práxis humana”<sup>3</sup>. A concepção que baliza os estudos nesse campo é a de linguagem como prática social. Portanto, já que os discursos estão constantemente materializados na sociedade, analisá-los é importante para conhecermos os sujeitos, os contextos e as instituições que esses discursos abarcam, gerando reflexões e até mesmo outros discursos.

Mas primeiramente cabe mencionarmos, em meio ao caráter polissêmico do termo, a definição de discurso que empregamos neste trabalho. O discurso, numa concepção mais ampla perpassa a noção de nível de análise da linguística, abrangendo a língua em seu caráter concreto e vivo<sup>4</sup>. Essa visão pode ser perfeitamente complementada com a de discurso enquanto palavra em movimento ou prática de linguagem, o que é motivado pelo próprio teor etimológico do termo que indica a ideia de movimento e de curso<sup>5</sup>. Ainda no ínterim da conceituação, o discurso é tido como um objeto linguístico e sócio-historicamente situado, bem como um espaço constituído por regularidades enunciativas,

<sup>3</sup> MOITA LOPES, Luiz Paulo da. Contextos institucionais em Linguística Aplicada. *Intercâmbio*, São Paulo, v. 5, p. 3-14, 1996. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/intercambio/article/view/4107/2753>>. Acesso em: 29 de maio de 2019.

<sup>4</sup> BAKHTIN, Mikhail. *Problemas da poética de Dostoiévski*. 5. ed. Tradução brasileira. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010. p. 207.

<sup>5</sup> ORLANDI, Eni Pulcinelli. *Análise de Discurso: princípios e procedimentos*. Campinas: Pontes Editores, 2015, p. 15.

isto é, por uma multiplicidade de dimensões textuais detentoras de uma coerência global<sup>6</sup>. Essas regularidades se ligam aos domínios de prática, que são os lugares onde se produzem e se processam as interações sociais, as quais são organizadas por campos da atividade humana na sociedade<sup>7</sup> (religioso, jurídico, jornalístico, familiar, escolar, entre outros), onde discursos específicos se materializam nos variados gêneros textuais.

Na ciência da linguagem, em especial dentro dos estudos discursivos, o campo teórico da AD tem especial destaque, por se afastar dos postulados de uma linguística estritamente formal; nesse contexto, busca-se investigar a língua em uso, apresentando o enfoque principal na função e no processo, priorizando o lado social da linguagem<sup>8</sup>.

Em termos de trajetória histórica, podemos atribuir a origem da AD à retórica clássica aristotélica. Já os estudos mais tradicionais em torno do discurso devem-se à corrente dos filólogos, estudiosos dos textos à luz da história e das culturas. Também contribuiu bastante o Formalismo Russo, que muito bem delineou diretrizes para uma análise altamente sistemática do discurso, instaurando conceitos como literariedade, verossimilhança e intertextualidade, até hoje relevantes para a AD. Até mesmo o Estruturalismo contribuiu nesse ramo, embora estabilizado no nível da frase. Em 1950, Zellig Harris levou a público sua obra *Discourse Analysis*, na qual elucidou maneiras de ultrapassar o nível da frase na AD; nesse mesmo período, Roman Jakobson manifestou o conceito de funções da linguagem para a AD. Mas o grande salto na forma de analisar e interpretar as questões atinentes à linguagem foi devido a Émile Benveniste com sua Teoria da Enunciação, a partir da qual o enfoque passou a ser o processo de apropriação linguística por parte dos sujeitos,

---

<sup>6</sup> FIORIN, José Luiz. Teoria e metodologia nos estudos discursivos de tradição francesa. In: SILVA, Denize Elena Garcia da; VIEIRA, Josênia Antunes (Org.). *Análise do Discurso: percursos teóricos e metodológicos*. Brasília: Editora Plano, 2002, p. 41.

<sup>7</sup> CHARAUDEAU, Patrick. *Linguagem e discurso: modos de organização*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2010.

<sup>8</sup> SILVA, Denize Elena Garcia da. Percursos teóricos e metodológicos em Análise do Discurso: uma pequena introdução. In: \_\_\_\_\_; VIEIRA, Josênia Antunes (Org.). *Análise do Discurso: percursos teóricos e metodológicos*. Brasília: Editora Plano, 2002, p. 7.

no qual a língua ganha realidade e concreticidade somente no evento enunciativo, quando expressa sua ligação com o mundo<sup>9</sup>. Em fins da década de 1960, o reconhecimento direcionado à AD tornou-se ainda maior com os trabalhos de Michael Pêcheux.

Explicitada a trajetória da AD, precisamos elucidar que, atualmente, os estudos em AD de dividem em dois tipos de abordagens, as críticas e as não críticas<sup>10</sup>. Podemos dizer que os estudos discursivos de tradição francesa encapsulam as abordagens não críticas, teorizadas por Dominique Maingueneau, Patrick Charadeau, entre outros. Já a Análise do Discurso Crítica (doravante, ADC) encabeça as vertentes críticas, das quais Norman Fairclough e Van Dijk são alguns dos estudiosos.

Os estudos discursivos não críticos tiveram sua linha teórica formada sobretudo na França e preconizam a AD como uma análise semântica, ou seja, centram-se nos fundamentos semânticos do discurso, buscando no texto a reconstrução histórica dos sujeitos. Nesse aspecto da reconstrução subjetiva, a AD preconiza a primazia do interdiscurso sobre o discurso, ou seja, a identidade de um discurso constrói-se a partir de sua relação com outros discursos<sup>11</sup>, e essa ligação traz consigo a marca da heterogeneidade defendida pelos postulados de Mikhail Bakhtin, segundo a qual um discurso é construído a partir de outros discursos<sup>12</sup>. Em outros termos, a heterogeneidade corresponde ao que Bakhtin conceituou como dialogismo, que consiste num constante encontro de discursos, ora recuperando enunciados já ditos, ora direcionando para enunciados pré-figurados na grande rede de interações discursivas<sup>13</sup>. Em síntese, a AD aborda a língua em sua instância histórica e, embora se centre nos fundamentos semânticos do discurso e em suas condições de produção e recepção, não possui enfoque formalista sobre a linguagem.

<sup>9</sup> VIEIRA, Josênia Antunes. As abordagens críticas e não-críticas em Análise do Discurso. In: \_\_\_\_\_; SILVA, Denize Elena Garcia da (Org.). *Análise do Discurso: percursos teóricos e metodológicos*. Brasília: Editora Plano, 2002, p. 145.

<sup>10</sup> VIEIRA, 2002, p. 143.

<sup>11</sup> FIORIN, 2002, p. 41-42.

<sup>12</sup> FIORIN, 2002, p. 45.

<sup>13</sup> PEREIRA, Rodrigo Acosta; RODRIGUES, Rosângela Hammes. Os gêneros do discurso sob perspectiva da Análise Dialógica do Discurso. *Letras*, Santa Maria, v. 20, n. 40, p. 147-162, 2010. Disponível em: <<https://periodicos.ufsm.br/letras/article/viewFile/12149/7543>>. Acesso em: 29 maio 2019.

Por sua vez, a ADC centra-se na evidência dos fatores sociais demarcados no discurso, bem como nos efeitos que isso causa na sociedade; ou seja, a construção dos discursos nessa linha é profundamente alicerçada na prática social e, conseqüentemente, o discurso configura-se como eficiente instrumento para manifestar a atuação das questões sociais na linguagem, não permitindo que os sentidos operem desvinculados do contexto social. Cabe salientarmos que o denominador comum dessas abordagens é a notória inserção da linguagem nos contextos e práticas sociais, comungando com o que apregoa a Linguística Aplicada, voltada às questões sociais que envolvem a linguagem.

Para a análise proposta neste estudo, optamos pelo escopo da AD de linha francesa, por conta do seu foco nos elementos semânticos do discurso e nas suas condições de produção e recepção, bem como na reconstrução sócio-histórica dos sujeitos. Um expoente representante do referencial teórico dessa linha na AD é Patrick Charaudeau com a sua Teoria Semi linguística, cujo fundamento é a comunicação em seus aspectos linguísticos e sócio-históricos, propondo uma AD que se ocupe da investigação do ato discursivo em seus mecanismos de uso da linguagem (espaço interno) e em seus fatores situacionais (espaço externo)<sup>14</sup>. Nesse âmbito, entendemos o texto – por materializar os discursos na sociedade – tanto como objeto de significação, devido aos seus mecanismos intradiscursivos (ligados aos procedimentos estruturais), quanto como objeto histórico, por sua natureza intradiscursiva (explicada pelas relações dialógicas).

Para que a Teoria Semi linguística seja concreta na prática, Patrick Charaudeau postula a cena discursiva em quatro ordens ou modos de organização, a saber: enunciativa, descritiva, narrativa e argumentativa. É a partir do modo de organização argumentativo que nortearmos nossa reflexão e análise neste estudo, haja vista a argumentação carregar implícitos, apresentar proposições sobre o mundo, manifestar posicionamentos, incitar questionamentos, estimular mudanças comportamentais

---

<sup>14</sup> MACHADO, Ida Lúcia. A Semi linguística de Patrick Charaudeau: uma interessante opção de análise discursiva. *Contexto*, Espírito Santo, n. 1-2, p. 26-31, 1992. Disponível em: < <http://periodicos.ufes.br/contexto/article/view/7041/5176>>. Acesso em: 29 maio 2019.

nos interlocutores, entre outros aspectos. A fim de assegurar a construção argumentativa, com vistas à persuasão do seu interlocutor, o enunciador lança mão dos procedimentos discursivos, os quais “consistem em utilizar ocasionalmente ou sistematicamente certas categorias de língua ou os procedimentos de outros modos de organização do discurso, para, no âmbito de uma argumentação, produzir certos efeitos de persuasão”<sup>15</sup>. Alguns desses procedimentos linguístico-discursivos são a definição, a citação, a comparação, a descrição narrativa, o questionamento e a reiteração, os quais, ao serem selecionados junto com os valores (extralinguísticos) da formação ideológica do sujeito enunciador, integram o todo do discurso que faz tal sujeito marcar-se social e historicamente.

Tendo apresentado os aspectos principais concernentes aos estudos discursivos e à AD, mormente a de linha francesa, afunilamos, na próxima seção, nossa exposição para a análise discursiva do domínio de prática religioso.

## 2. A análise do discurso religioso

Dentre os domínios de prática social, onde emergem os discursos que permeiam as interações humanas, os estudos discursivos vêm dedicando especial atenção ao domínio de prática religioso, o que não poderia ser diferente, haja vista que a religião, desde os tempos mais remotos até à atualidade, exerce grande influência sobre o meio social. Essa fundamental importância da religião na sociedade deve-se ao fato de os indivíduos geralmente recorrerem a ela para reconhecerem seu lugar no mundo, para meditar sobre si mesmos, para “tratar” seus sofrimentos humanos, para aprender a conviver com os demais, entre outras motivações. Nesse âmbito, podemos interpretar as religiões como instâncias de poder na sociedade por proporcionarem aos seus seguidores, a partir de ensinamentos e preceitos, a compreensão e o posicionamento diferenciado frente às relações e situações sociais<sup>16</sup>. Nessa seara da relação entre religião e poder, temos

<sup>15</sup> CHARAUDEAU, 2010, p. 236.

<sup>16</sup> MELO, Mônica Santos de Souza. Considerações sobre o domínio de prática discursiva religioso. In: \_\_\_\_\_ (Org.). *Reflexões sobre o discurso religioso*. Belo Horizonte:

o pensamento do filósofo Michel Foucault, que defende que o poder instaurado pelas religiões cristãs é distinto do poder tradicional, pois não tem como objetivo subjugar os dominados, caracterizando-se “pela presença de indivíduos que passaram a desempenhar, na sociedade cristã, o papel de verdadeiros condutores (‘pastores’) em relação ao grupo (‘ovelhas’) e cuja função [...] é promover a salvação individual”<sup>17</sup>.

Portanto, o DR define-se como aquele em que pode ser ouvida a voz de Deus e seus representantes, ou ainda como aquele que envolve os relacionamentos humanos com o sagrado<sup>18</sup>. Assim, tem como participantes enunciativos as igrejas e os fiéis, sendo estes os interlocutores, e aquelas, as enunciadoras na representação de autoridades religiosas, como pastores, padres, bispos, papas, entre outros. Cabe ressaltarmos que as religiões acompanham as evoluções sócio-históricas por que passam os seres humanos, não se limitando somente a estruturas físicas, mas perpassando esses espaços.

As instituições, dentre elas as igrejas, têm quatro tipos de funções presentes em seus discursos: pedagógica, simbólica, mobilizadora e reparadora. Por exemplo: no discurso com função pedagógica, as instituições religiosas propiciam aos seguidores o aprendizado das crenças, dos preceitos e das doutrinas; já a função simbólica está, de certo modo, presente nas outras funções e evidencia os elementos de linguagem específicos daquela instituição a serem utilizados; o discurso de função mobilizadora, por sua vez, diz respeito ao apelo para a vivência dos valores religiosos, em que as lideranças motivam os seguidores a reafirmarem constantemente as suas crenças e a não esmorecerem; por último, a função reparadora está presente nos discursos que advertem, disciplinam e reestabelecem a ordem quando os preceitos e as normas ditadas na função pedagógica são contrariadas<sup>19</sup>.

---

Núcleo de Análise do Discurso, Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, Faculdade de Letras da UFMG, 2017. p. 131-148.

<sup>17</sup> MELO, 2017, p. 135.

<sup>18</sup> PEDROSA, Cleide Emilia Faye. Discurso religioso: funções e especificidade. *SOLETRAS*, São Gonçalo, n. 13, p. 38-45, jan./jun. 2007. Disponível em: <<https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/soletras/article/view/4694>>. Acesso em: 29 maio 2019.

<sup>19</sup> PEDROSA, 2007, p. 39-40.

Quanto à caracterização, podemos descrever o DR, de forma geral, como assimétrico, uma vez que o locutor (Deus) está no nível espiritual e os ouvintes (os seguidores) estão no nível temporal; esse desnivelamento se mostra quando se classifica Deus como onipotente e imortal e o ser humano como limitado e mortal. O DR é portador de vozes divinas mediadas por representantes, sendo fundamental que estes não as modifiquem, de forma a obedecer às normas das escrituras sagradas, aos ritos e à própria Igreja<sup>20</sup>. O DR também se configura como altamente intertextual, pois recupera outros discursos religiosos, e profético, haja vista explorar dimensões como tempo e espaço<sup>21</sup>. Um outro ponto interessante do DR é a utilização de negações com efeitos invertidos em comparação com as posturas vigentes nos meios e costumes seculares; um exemplo disso está quando Jesus Cristo fala nos evangelhos que quem quiser ganhar a vida neste mundo vai perdê-la, e quem perdê-la por causa do reino de Deus vai salvá-la<sup>22</sup>.

Já em termos de estruturação, o DR compõe-se prototipicamente de três partes: a exortação, onde ocorre a identificação dos sujeitos entre si e a demarcação das comunidades envolvidas nesse discurso; o enlevo, no qual se apresentam os propósitos divinos e as reflexões que demarcam o passar do plano material para o espiritual; e a salvação, em que há o agradecimento e/ou o apelo do representante da voz de Deus para que os interlocutores façam seus propósitos em relação ao conteúdo do discurso. Não podemos deixar de explicitar também traços linguísticos que, geralmente, estão dispostos no DR, a saber: uso de imperativos e vocativos; emprego de metáforas e parábolas; uso de verbos performativos, aqueles em que o dizer corresponde ao fazer, como *prometer*, *consagrar*, *declarar*, *abençoar*, *batizar* etc<sup>23</sup>. Também salientamos o forte predomínio do modo de organização argumentativo, porquanto o sujeito enunciador levanta uma reflexão acerca de um assunto, faz questionamentos e interpela os interlocutores a tomarem atitudes relacionadas aos valores

<sup>20</sup> ORLANDI, Eni Pulcinelli. *A linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso*. 4. ed. Campinas: Pontes Editores, 1996, p. 250.

<sup>21</sup> PEDROSA, 2007, p. 42.

<sup>22</sup> MARCOS, São. Evangelho de Marcos. In: *Bíblia Sagrada de Jerusalém*. Nova edição revista e ampliada. 6ª impressão. São Paulo: Paulus, 2010, p. 1722.

<sup>23</sup> ORLANDI, 1996, p. 258-260.

ensinados. Sob essa perspectiva de tomar atitudes a partir de reflexões, traçamos, na próxima seção, breves considerações a respeito da abordagem e do pensamento etnográfico.

### 3. A etnografia e seus desdobramentos

Etimologicamente, *etnografia* que dizer escrever (*grafia*) sobre um povo ou cultura (*etno*). Contudo, sem se prender ao seu radical vocabular, a etnografia pode ser compreendida sob diversos ângulos, apesar de o denominador comum dessas variadas visões ser o fato de que “a etnografia é ideia-mãe da antropologia”<sup>24</sup>. Ou seja, tudo o que concerne ao âmbito etnográfico, remete à lida com o ser humano. Etnógrafo é aquele que adentra a realidade das pessoas, não buscando apenas investigar, mas mergulhar nas experiências vividas por elas, conhecendo mais de suas vidas. Se for um pesquisador, o etnógrafo é aquele que abole de sua abordagem com as pessoas o distanciamento e a imparcialidade entre pesquisador e pesquisados. Lançando mão de uma metáfora, podemos dizer que, enquanto outras pesquisas mais tradicionais se preocupam com o ponto de chegada, com o alvo, a etnografia detém-se no caminho, conhecendo a beleza deste com suas flores e pedras. Já com uma linguagem mais denotativa, enquanto pesquisas positivistas objetivam fornecer um produto para a sociedade, a etnografia evidencia os processos que abrangem a vida humana. Sumarizando, o etnógrafo é aquele que sai dos muros de sua própria experiência para entrar de corpo inteiro no terreno da realidade de outrem, sendo pesquisador ou não, conforme concebemos na discussão deste estudo.

É bastante comum depararmo-nos com a concepção de etnografia como abordagem de investigação científica, que tem por objetivo estudar os povos, descrevendo seus costumes, línguas, crenças, manifestações materiais<sup>25</sup>. Essa forma de definir e enquadrar a etnografia justifica-se

<sup>24</sup> PEIRANO, Mariza. Etnografia não é método. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, ano 20, n. 42, p. 377-391, jul./dez. 2014. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/s0104-71832014000200015>>. Acesso em: 30 de maio de 2019.

<sup>25</sup> MATTOS, Carmem Lúcia Guimarães de. A abordagem etnográfica na investigação científica. In: \_\_\_\_\_; CASTRO, Paula Almeida de (Org.). *Etnografia e educação: conceitos e usos*. Campina Grande: EDUEPB, 2011, p. 49-83.

fortemente pelo seu histórico, uma vez que começou a desenvolver-se em fins do século XIX, como uma prática investigativa de observação das maneiras de viver de grupos humanos exóticos, descritos em cadernos de viagens<sup>26</sup>. Um exemplo que marca historicamente os estudos etnográficos é a obra *Argonautas do Pacífico Ocidental* de Bronislaw Malinowski, considerado um dos instauradores da antropologia social; trata-se de um clássico da antropologia em que o autor etnografa a forma de vida dos nativos dos arquipélagos da Nova Guiné.

Quanto ao objetivo central da etnografia, este consiste em descrever, de forma mais completa possível, o que grupos particulares de seres humanos fazem e as perspectivas que eles têm em relação a esse fazer. Para isso, o etnógrafo necessita ter uma percepção aguçada para observar bem o grupo investigado, além de uma refinada sensibilidade para lidar com tudo que esse grupo manifesta. É nesse sentido que “a etnografia abala nossos estilos de vida e nossas ideias de existência; abala nossa crença moderna na referencialidade dos sentidos e impõe uma reflexão sobre a multiplicidade de modos de vida”<sup>27</sup>.

Como abordagem de pesquisa, a etnografia, além de sua falta de sistematicidade<sup>28</sup>, apresenta características devido às quais contribui fortemente com as pesquisas qualitativas, a saber: recusa a orientações e procedimentos definidos previamente, uma vez que o contexto do campo em estudo é que indica quais procedimentos utilizar; análise holística do contexto dos sujeitos pesquisados; motivar os sujeitos pesquisados, quando excluídos socialmente, a participarem ativamente no processo de modificação das estruturas sociais; compreensão da cultura como conjunto de significados que fazem mediações entre as (inter)ações e as estruturas da sociedade; dedicação de períodos de tempo maiores para a observação participante. Todos esses aspectos ajudam o etnógrafo a entender e validar, da maneira mais fidedigna possível, os significados que os próprios sujeitos dão às ações que praticam ou vivenciam. Também vale ressaltar que os estudos etnográficos procuram

<sup>26</sup> MATTOS, 2011, p. 53.

<sup>27</sup> PEIRANO, 2014, p. 385.

<sup>28</sup> GUBER, Rosana. *La etnografía: método, campo y reflexividad*. Bogotá: Grupo Editorial Norma, 2001, p. 55.

centrar-se em sujeitos diferentes, com baixo poder de participação na sociedade<sup>29</sup>.

Reconhecida a importância da etnografia como abordagem de pesquisa, também não podemos deixar de considerar que ela não é apenas um método, uma vez que faz parte do seu estatuto o aparato teórico; isto é, “toda etnografia é também teoria”<sup>30</sup>. Quanto a esse ponto, a etnografia e o trabalho de campo vão além de uma questão metodológica, configurando-os então como experiências epistemológicas e, sobretudo, ontológicas, conforme postularam estudos filósofos e antropólogos<sup>31</sup>. Nesse ínterim, as diversas possibilidades e contextos humanos que a etnografia fornece às discussões antropológicas fazem dela uma profícua categoria de pensamento, a partir da qual se revelam os sentidos e as motivações que regem o fazer antropológico<sup>32</sup>. Em outros termos, a etnografia como categoria epistemológica – por seu caráter questionador e crítico frente às realidades dos sujeitos – deve ser entendida como campo que mobiliza pensamentos para uma prática significativa e enriquecedora. Assim, considerarmos, na etnografia, teoria e método como uma relação dicotômica é um argumento sem sentido, por isso advogamos que essa relação é um *continuum*:

O entendimento da etnografia como uma categoria de pensamento não exclui sua dimensão performativa, o que [...] designa o “fazer” do antropólogo. Por este prisma, pensamento e ação, razão e afetividade não estão separados na experiência etnográfica. Portanto, é como categoria de pensamento e ação performativa que a etnografia adquire relevância sociológica e epistemológica na compreensão do ofício do antropólogo e na construção do “campo” da antropologia.<sup>33</sup>

Como podemos depreender da explicação anterior, o pensamento etnográfico, que apresenta um alto teor de reflexividade frente aos

<sup>29</sup> MATTOS, 2011, p. 49-51.

<sup>30</sup> PEIRANO, 2014, p. 385.

<sup>31</sup> ROCHA, Gilmar. A etnografia como categoria de pensamento na antropologia moderna. *Cadernos de campo*, São Paulo, v. 15, n. 14/15, p. 99-114, 2006. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/cadernosdecampo/article/view/50100>>. Acesso em: 30 de maio de 2019.

<sup>32</sup> ROCHA, 2006, p. 99.

<sup>33</sup> ROCHA, 2006, p. 100.

sujeitos e seus contextos, é detentor de performatividade, ou seja, está sempre conduzindo os indivíduos sobre os quais atua para uma *práxis*, uma tomada de atitude perante a realidade circundante. Portanto, é a essa constituição epistemológico-performativa que a etnografia deve sua relevância sociológica. Ainda nesse âmbito, devemos tomar nota de que a compreensão da etnografia como categoria de pensamento com caráter performativo tem como ponto de partida o fato de ela ser boa para (re) pensar a constituição do campo antropológico, isto é, fornecer subsídios para os etnógrafos lidarem com os seres humanos, e para que estes também lidem bem entre si. A título de sumarização, entendemos a etnografia como “uma chave metodológica para se penetrar no coração do pensamento e da prática antropológica”<sup>34</sup>.

Então, para os objetivos deste artigo, consideramos esse *continuum* teoria-método mencionado, tomando, para nossa análise, a etnografia como uma postura que parte de um conhecimento para uma prática. Essa concepção por nós adotada pode ser corroborada pela denominada etnografia fenomenológica, na qual o conhecimento se constrói a partir da sensibilidade, sendo preciso o etnógrafo mobilizar os sentidos no fazer científico e deixar-se afetar pelos sentimentos morais como compaixão, solicitude, respeito, indignação, entre outros<sup>35</sup>. Será com base nessa postura e orientação que trabalharemos com o DR do papa Francisco, que, em seu papado instaura e apregoa aos fiéis cristãos constantemente uma Igreja em saída, o que constitui um dos lemas do seu pontificado. Na próxima seção, discorreremos brevemente sobre os aspectos peculiares concernentes à pessoa e à gestão pastoral dessa liderança religiosa.

#### 4. O papa Francisco e a instauração de uma Igreja em saída

Desde os primeiros tempos da fé e vivência cristãs, sempre se defendeu a importância e a imprescindibilidade das mediações humanas

<sup>34</sup> ROCHA, 2006, p. 112.

<sup>35</sup> CEFAÏ, Daniel. Provações corporais: uma etnografia fenomenológica entre moradores de rua de Paris. *Lua Nova*, São Paulo, n. 79, p. 71-110, 2010. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ln/n79/a05n79.pdf>>. Acesso em: 17 maio 2019.

para que Deus comunicasse sua mensagem ao povo ao longo dos séculos. Mais do que algo ponderado por homens, a mediação na Igreja é um legado proferido por Jesus Cristo em seus Evangelhos quando revela que sobre Pedro edificaria sua Igreja e que tudo que Pedro, como o primeiro apóstolo, (des)ligasse na terras seria (des)ligado no céu<sup>36</sup>. Desde lá, muitos foram os sucessores de Pedro que, ao longo da história, assumiram a administração eclesiástica, sendo responsáveis de propagarem aos fiéis católicos os ensinamentos cristãos legados pelas Escrituras, pelo Magistério e pela Tradição.

Jorge Mario Bergoglio, aos 76 anos, foi eleito o 266º papa da Igreja Católica no dia 13 de março de 2013, com o nome pontifício de Francisco. Era arcebispo de Buenos Aires e religioso partícipe da Ordem dos Jesuítas, fundada por Santo Inácio de Loyola. Compendo o Colégio dos Cardeais em Roma, sua eleição se deu em um momento bastante delicado para a Igreja de Roma, uma vez que o papa anterior, Bento XVI, acabara de renunciar espontaneamente ao pontificado, tornando-se papa emérito. Nesse clima de renúncia e uma nova eleição, muitos traços da personalidade e espiritualidade de Francisco já se mostraram notórios, a começar pela escolha do nome papal, que, ao invés de outros nomes, foi Francisco, com o qual já sinalizava que “determinaria seu próprio rumo, abriria novos caminhos e que faria isso com grande simplicidade, baseando-se no grande amor que sentia pelos pobres do mundo”<sup>37</sup>. Já nesse tempo inicial delicado, antes mesmo de aparecer para os fiéis na sacada da basílica romana, Francisco demonstrava essa preocupação com o próximo, visto que ligou para Bento XVI, tornado emérito duas semanas antes, avisando-o de que em breve lhe faria uma visita. Ainda quanto à escolha do seu nome pontifício, o papa Francisco, em uma das vezes em que explicou a motivação dessa decisão – o pensamento em São Francisco de Assis como o amante da pobreza e da paz – terminou sua explicação dizendo que queria uma Igreja pobre para os pobres<sup>38</sup>.

<sup>36</sup> MATEUS, São. Evangelho de Mateus. In: *Bíblia Sagrada de Jerusalém*. Nova edição revista e ampliada. 6ª impressão. São Paulo: Paulus, 2010, p. 1733-1734.

<sup>37</sup> MOYNIHAN, Robert. *Rezem por mim: a vida e a visão espiritual do Papa Francisco: o primeiro papa das Américas*. Tradução Books & Ideas Serviços Editoriais. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2013, p. 25.

<sup>38</sup> MOYNIHAN, 2013, p. 93.

Uma das primeiras atitudes do papa Francisco em seu pontificado que impactou várias pessoas (inclusive muitos fiéis católicos) foi como terminou um encontro que promoveu com o papa emérito Bento XVI e com 5 mil jornalistas:

Havia chegado o momento de dar a bênção apostólica, mas ele não fez isso da maneira habitual. Na verdade, não fez nenhum gesto anterior. Não ergueu a mão, não fez o sinal da cruz e não falou em voz alta: “Em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo”. Disse em italiano: “E de coração a todos concedo a minha bênção. Obrigado”. E depois, em espanhol, explicou: “Eu disse que de coração vos daria a minha bênção. Uma vez que muitos de vós não pertencem à Igreja Católica e outros não são crentes, de coração concedo esta bênção, em silêncio, a cada um de vós, respeitando a consciência de cada um, mas sabendo que cada um de vós é filho de Deus. Que Deus vos abençoe!”<sup>39</sup>

Comportamentos como esse, em que o papa abençoa inclusive os não crentes, é apenas uma de muitas posturas suas que nos levam a constatar que esse líder religioso veio para estar mais próximo das pessoas, rompendo distâncias e inclusive quebrando paradigmas tradicionais não doutrinários<sup>40</sup> do próprio pontificado, como foi o fato de recusar-se humildemente a utilizar os sapatos vermelhos, prática exercida já há mais de 200 anos pelos pontífices antecessores. Essas primeiras posturas já sinalizam o tom original que marca os ensinamentos do novo papa, materializados em discursos que podem ser classificados como populares, evidenciando-se assim um estilo ímpar que o difere dos pontífices anteriores<sup>41</sup>. Outro acontecimento que corrobora esse jeito peculiar do papa Francisco foi o fato recente (11 de abril de 2019) ocorrido no Vaticano e noticiado em várias mídias, em que o atual pontífice se ajoelhou e beijou os pés de líderes políticos do Sudão do Sul, pedindo que mantivessem o armistício assinado com os grupos rebeldes e não voltassem a

<sup>39</sup> MOYNIHAN, 2013, p. 94.

<sup>40</sup> Aqueles paradigmas que são tradicionais, porém sem obrigatoriedade de serem seguidos.

<sup>41</sup> PASSOS, João Décio. *Método Teológico*. São Paulo: Paulinas, 2018. (Coleção Teologia do Papa Francisco), p. 13.

promover guerras civis, cultivando a iniciativa de paz. Esses fatos são apenas alguns que caracterizam a Igreja em saída que o papa Francisco veio instaurar em seu pontificado com a exortação apostólica *Evangelii gaudium*:

Cada cristão e cada comunidade há de discernir qual é o caminho que o Senhor lhe pede, mas todos somos convidados a aceitar esta chamada: sair da própria comodidade e ter a coragem de alcançar todas as periferias que precisam da luz do Evangelho.<sup>42</sup>

Além de manifestar-se na escrita desse documento papal, essa defesa e busca por uma Igreja em saída, ou seja, por uma evangelização em constante movimento, encontra-se fortemente marcada em muitos outros momentos do pontificado de Francisco, como foi o caso da instituição que ele fez do Ano Santo da Misericórdia em dezembro de 2015, haja vista a misericórdia também compor a centralidade de sua atuação papal. Nesse âmbito, há autores e teólogos que teorizam e investigam essas características peculiares do papado de Francisco, as quais encaixam os ensinamentos dele num projeto maior de renovação na Igreja, o que pode ser sumarizado na proposta de uma teologia em saída<sup>43</sup>. Para o efetivo exercício dessa proposta, o cerne do método teológico do papa Francisco abrange “a libertação da autorreferencialidade, a renovação a partir das fontes do evangelho e o serviço às pessoas”<sup>44</sup>. Esse convite para participar de uma Igreja em saída também pode ser notadamente percebido em sua obra *O nome de Deus é Misericórdia*:

A Igreja não está no mundo para condenar, mas para promover o encontro com aquele amor visceral que é a misericórdia de Deus. Para que isso aconteça, é necessário sair. Sair das igrejas e das paróquias, sair e ir à procura das pessoas onde elas se encontram, onde sofrem, onde esperam.<sup>45</sup>

<sup>42</sup> FRANCISCO, Papa. *Evangelii gaudium*: sobre o anúncio do evangelho no mundo atual. São Paulo: Paulinas, 2013, p. 20.

<sup>43</sup> PASSOS, 2018, p. 15.

<sup>44</sup> PASSOS, 2018, p. 17.

<sup>45</sup> FRANCISCO, Papa. *O nome de Deus é Misericórdia*. Tradução de Catarina Mourão. São Paulo: Planeta, 2016, p. 86.

Assim, em sua espiritualidade, em seu discurso e em sua vivência, o atual papa apresenta o seu método teológico que, tendo um caráter altamente inovador, consiste no constante exercício de saída de si para ir em busca das pessoas mais necessitadas, a fim de conhecer de perto suas realidades de vida, por meio da escuta, da misericórdia, do acolhimento, da convivência fraterna, buscando praticar os ensinamentos e valores cristãos.

Explicitados brevemente alguns aspectos centrais do pontificado do papa Francisco, na próxima seção apresentamos nossa metodologia.

## 5. Metodologia

Tendo em vista cumprirmos nosso objetivo neste artigo e entendendo nossa metodologia como descritiva e qualitativa, deter-nos-emos na análise de excertos dos documentos pontifícios *Gaudete et Exsultate* e *Evangelii Gaudium*, de autoria do papa Francisco. Nosso primeiro passo procedimental foi a leitura integral desses documentos. Concomitantemente à leitura, destacamos os excertos que favoreceriam a análise proposta pelo nosso objetivo, que envolve a identificação da abordagem etnográfica a pautar o DR do papa Francisco.

Nesses documentos, o Santo Padre traz ensinamentos sobre temáticas específicas, ajudando os fiéis em suas vivências frente a esses temas. A *Evangelii gaudium* foi escrita e publicada no primeiro ano do pontificado do papa Francisco (2013) e trouxe como conteúdo de reflexão aos membros da Igreja considerações sobre o anúncio do evangelho no mundo atual; é nesse documento que o papa Francisco expressa por escrito a proposta de uma Igreja renovada e em saída, exercida desde o início de sua gestão. Já o documento *Gaudete et exsultate* é mais recente (2018), tendo sido promulgado na solenidade de São José (19 de março), abordando sobre o chamado à santidade no mundo atual.

Tendo extraído excertos desse material eclesial, prosseguimos com nossa análise na próxima seção.

## 6. O discurso do papa Francisco pautado pela abordagem etnográfica

A exortação apostólica *Evangelii gaudium* é considerada um marco na Igreja Católica, uma vez que, além de ser a primeira do pontificado de Francisco, traz em seu arcabouço os aspectos reflexivos e metodológicos dessa teologia renovada instaurada pela liderança religiosa, propondo novas maneiras de pensar a fé. Para a discussão deste artigo, partimos do pressuposto de que renovadas formas de pensar e agir exigem discursos renovados, uma vez que a linguagem é que baliza as capacidades do homem de pensar e agir. Esse intuito renovador é explicitado pelo pontífice no referido documento: “Convido todos a serem ousados e criativos, nesta tarefa de repensar os objetivos, as estruturas, o estilo e os métodos evangelizadores”<sup>46</sup>. Podemos considerar que esse espírito renovador proposto por Francisco tem o cerne na instauração que faz de uma Igreja em saída:

A Igreja “em saída” é a comunidade de discípulos missionários que “primeiram”, que se envolvem, que acompanham, que frutificam e festejam. Primeiram – desculpai o neologismo –, tomam a iniciativa! A comunidade missionária [...] sabe tomar a iniciativa sem medo, ir ao encontro, procurar os afastados e chegar às encruzilhadas dos caminhos para convidar os excluídos.<sup>47</sup>

Nesse excerto, podemos notar o jogo semântico que o pontífice faz em sua argumentação, utilizando-se conscientemente de um neologismo, “primeirar”, para atesta o caráter “em saída” que um missionário deve assumir. Tomar a iniciativa de ir ao encontro dos mais afastados e esquecidos é um enunciado discursivo do papa que indica uma postura etnográfica, que geralmente tem um enfoque nos mais excluídos. Nesse âmbito, o papa também afirma: “O Senhor diz: ‘vamos para outra parte, para as aldeias vizinhas, a fim de pregar aí, pois foi para isso que Eu vim’”<sup>48</sup>. Aqui, o líder religioso faz uso da citação para respaldar sua

<sup>46</sup> FRANCISCO, 2013, p. 30.

<sup>47</sup> FRANCISCO, 2013, p. 21-22.

<sup>48</sup> FRANCISCO, 2013, p. 20.

argumentação, recorrendo ao discurso bíblico do próprio Jesus Cristo<sup>49</sup>; esse mecanismo discursivo atesta o primado do interdiscurso sobre o discurso que advoga a AD de linha francesa, ou seja, um discurso se vale de outros para cumprir sua finalidade.

Em outro momento do documento eclesiástico, podemos identificar mais traços de uma abordagem etnográfica:

Hoje, que a Igreja deseja viver uma profunda renovação missionária, há uma forma de pregação que nos compete a todos como tarefa diária: é cada um levar o Evangelho às pessoas com quem se encontra, tanto aos mais íntimos como aos desconhecidos. Nessa pregação, sempre respeitosa e amável, o primeiro momento é um diálogo pessoal, no qual a outra pessoa se exprime e partilha as suas alegrias, as suas esperanças, as preocupações com os seus entes queridos e muitas coisas que enchem o coração.<sup>50</sup>

A parte do discurso em que podemos enquadrar esse excerto é o enlevo, pois o papa argumenta num tom em que os fiéis já se identificam com a proposta da Igreja em saída, o que se depreende pelo uso do pronome *todos*. Quanto aos aspectos etnográficos, identificamos a dedicação do tempo (justificada pela expressão “tarefa diária”), o procedimento do diálogo, a partir do qual se desenvolve a sensibilidade para com a realidade do outros, o que nos remete a uma etnografia fenomenológica.

Nos parágrafos seguintes, o papa faz uma ressalva relacionada a essa pregação: “Contudo não se deve pensar que o anúncio evangélico tenha de ser transmitido sempre com determinadas fórmulas pré-estabelecidas ou com palavras concretas que exprimam um conteúdo absolutamente invariável”<sup>51</sup>. Nessa ponderação, percebemos outro aspecto ligado ao escopo teórico-metodológico da etnografia, que é a rejeição a orientações pré-definidas, uma vez que são os sujeitos e o campo de pesquisa que vão nortear as formas de procedimento; no caso da evangelização, a realidade das pessoas interpeladas é que deve conduzir a ação missionária, e não uma conjectura anterior que o evangelizador traz em sua vida

<sup>49</sup> MARCOS, 2010, p. 1761.

<sup>50</sup> FRANCISCO, 2013, p. 107-108.

<sup>51</sup> FRANCISCO, 2013, p. 108.

de missão, até porque os públicos a serem evangelizados vão se modificando, e cada grupo tem peculiaridades a serem descobertas. Nesse âmbito, o líder religioso chama a atenção dos fiéis também para a atitude da escuta no processo de acompanhar a realidade do outro: “Precisamos de nos exercitar na arte de escutar, que é mais do que ouvir. Escutar, na comunicação com o outro, é a capacidade do coração que torna possível a proximidade”. Esse gesto de escuta é um poderoso aliado no percurso etnográfico, que faz o missionário etnógrafo adentrar no âmago dos sujeitos por ele evangelizados.

Mais adiante, o discurso de Francisco ressalta uma tentação do cristão em relação a esse adentramento:

Às vezes sentimos a tentação de ser cristãos, mantendo uma prudente distância das chagas do Senhor. Mas Jesus quer que toquemos a miséria humana, que toquemos a carne sofredora dos outros. Espera que renunciemos a procurar aqueles abrigos pessoais ou comunitários que permitem manter-nos à distância do nó do drama humano, a fim de aceitarmos verdadeiramente entrar em contato com a vida concreta dos outros e conhecermos a força da ternura. Quando o fazemos, a vida complica-se sempre maravilhosamente e vivemos a intensa experiência de ser povo, a experiência de pertencer a um povo.

Nesse apelo, o papa atenta para a vivência de um cristianismo encarnado, e podemos constatar isso pelo mecanismo argumentativo-discursivo da comparação entre os sofrimentos dos seres humanos com as chagas de Jesus, bem como pela ênfase no imperativo do verbo *tocar*, empregado duas vezes, motivando o rompimento da distância e a instauração do contato, a ponto de viver a intensidade da experiência de ser um com o povo. Isso pode ser comparado ao etnógrafo que, durante seu trabalho de campo, torna-se participante da vida do povo que pesquisa, constantemente quebrando distâncias e estabelecendo vínculos, daí um outro nome para a etnografia ser observação participante. Portanto, mais uma vez, extraímos do discurso do atual pontífice traços do pensamento e da abordagem etnográfica.

Já perto do fim, o papa Francisco salienta a missão como um selo identitário do cristão:

A missão no coração do povo não é uma parte da minha vida, ou um ornamento que posso pôr de lado; não é um apêndice ou um momento entre tantos outros da minha vida [...] Eu sou uma missão nesta terra, e para isso estou neste mundo. É preciso considerarmos como que marcados a fogo por esta missão de iluminar, abençoar, vivificar, levantar, curar, libertar. Nisto se revela a enfermeira autêntica, o professor autêntico, o político autêntico, aqueles que decidiram, no mais íntimo do seu ser, estar com os outros e ser para os outros.

No trecho anterior, podemos perceber o arranjo semântico do discurso a fazer com que o seu receptor, o sujeito cristão, aproprie-se da sua identidade, reconstruindo-a socialmente: o uso da primeira pessoa, a repetição do verbo identificador *ser*, o enquadramento da missão como sendo o próprio ser, o apontamento de algumas profissões como meios de ser para o outro. Aqui, o efeito da construção argumentativa é altamente passível de ser atingido, pois o enunciador propõe um padrão identitário do cristão, o que faz com que este se questione em sua vivência e busque mudá-la. Então, a argumentação cumpre seu papel de persuadir o fiel cristão a assumir sua identidade de ser para os outros, o que está ligado diretamente ao enfoque etnográfico. Cabe destacarmos o fato de o papa mencionar alguns profissionais na sociedade que, assumindo essa identidade missionária, exercem autenticamente a sua profissão, isto é, são capazes de modificar a realidade social em que estão inseridos, não apenas assumindo uma função. Semanticamente, a escolha pelas profissões do campo da saúde, da educação e da política não é aleatória em sua argumentação, uma vez que são meios em que os sujeitos, em seus ofícios com outros seres humanos, podem contribuir proficuamente na reconstrução do campo antropológico. Aqui se evidencia a etnografia como categoria de pensamento e como abordagem na lida com os outros, especificamente na construção de um meio onde se preze pela alteridade cristã, em que o fundamental é estar com os outros e ser para eles.

Discutidos alguns excertos da *Evangelii gaudium* de um viés etnográfico, constatamos a ocorrência desse discurso em outro documento do papa, *Gaudete et exsultate*, em que traça considerações acerca da vivência da santidade na Igreja. A santidade é um chamado divino a todas as pessoas para que se assemelhem a Jesus Cristo, refletindo a sua forma

de pensar e agir no mundo. Nesse documento, o papa fala da vivência da caridade, a principal virtude da vida de santidade:

Jesus abre uma brecha que permite vislumbrar dois rostos: o do Pai e o do irmão. Não nos dá mais duas fórmulas ou dois preceitos; entrega-nos dois rostos, ou melhor, um só: o de Deus que se reflete em muitos, porque em cada irmão, especialmente no mais pequeno, frágil, inerme e necessitado, está presente a própria imagem de Deus.<sup>52</sup>

No excerto reproduzido, podemos perceber um elemento central na metáfora da brecha utilizada pelo papa: a alteridade. Isso corrobora o fato de que a experiência religiosa tem sua concreticidade legitimada quando vivida em prol do outro, o que, conseqüentemente, atesta uma chamada para a postura etnográfica. Nesse excerto, também podemos depreender à luz da AD de linha francesa, apropriando-nos do estatuto semântico do discurso, a reconstrução histórico-social do sujeito cristão, que é chamado a buscar a imagem de Deus nos seus irmãos necessitados. Isso se evidencia também neste excerto: “O nosso culto agrada a Deus, quando levamos lá os propósitos de viver com generosidade e quando deixamos que o dom lá recebido se manifeste na dedicação aos irmãos”<sup>53</sup>.

Entre muitos outros trechos desse documento papal que comungam com o objetivo do presente estudo, decidimos findar esta seção com o seguinte apelo do papa Francisco:

Olhemos para Jesus! A sua entranhada compaixão não era algo que O ensimesmava, não era uma compaixão paralisadora, tímida ou envergonhada, como sucede muitas vezes conosco. Era exatamente o contrário: era uma compaixão que O impelia fortemente a sair de Si mesmo a fim de anunciar, mandar em missão, enviar a curar e libertar. Reconheçamos a nossa fragilidade, mas deixemos que Jesus a tome nas suas mãos e nos lance para a missão.<sup>54</sup>

Em seu discurso, o papa Francisco usa o imperativo para demarcar o direcionamento para que todos os seguidores olhem para o modelo que é

<sup>52</sup> FRANCISCO, Papa. *Gaudete et exultate*: sobre o chamado à santidade no mundo atual. São Paulo: Paulinas, 2018. p. 43.

<sup>53</sup> FRANCISCO, 2018, p. 66.

<sup>54</sup> FRANCISCO, 2018, p. 83.

Jesus, o que demarca a assimetria do DR, em que Deus é maior que o ser humano e, por isso, o modelo da vivência proposta. A argumentação papal utiliza-se do exemplo de Cristo, enfatizando como era a compaixão dele nesse constante processo de saída de si para o outro, o que se configura como uma postura etnográfica. Em outras partes da exortação apostólica, o papa utiliza expressões-chave que norteiam o método teológico da Igreja em saída ao encontro dos sujeitos nas mais diversas realidades sociais excluídas: “não nos determos na margem”, “não nos habituarmos a caminhar só dentro de confins seguros”, “lançar as redes em águas mais profundas”, “ir mais além, rumo às periferias e aos confins”, “ultrapassar sempre os nossos esquemas”, entre outros<sup>55</sup>.

Destarte, a breve análise que fizemos dos dois documentos eclesiais nos leva a concluir que há traços de um pensamento e de uma ação etnográfica inserido no DR do papa Francisco, o que nos permite ter mais um ponto para reflexão das práticas discursivas que emergem na sociedade, mais especificamente no domínio de prática religioso.

Tendo apresentado e discutido alguns excertos do nosso material de análise, passemos às nossas considerações finais.

### **Considerações finais**

Neste artigo, tivemos como objetivo analisar e descrever o DR do papa Francisco pautado pelo viés da etnografia como categoria de pensamento e abordagem metodológica, no sentido de identificarmos, nesse discurso, excertos nos quais o líder eclesial apregoasse um pensamento religioso que direcionasse a recepção do seu discurso para uma prática religiosa.

Introdutoriamente, traçamos considerações gerais sobre a inserção e a relevância da religião no componente social como um meio de refletir a linguagem enquanto manifestação discursiva. Em seguida, trouxemos pressupostos centrais dos estudos discursivos e da AD. Nesse ínterim, justificamos nossa escolha pela AD de linha francesa com os estudos de Patrick Charaudeau para nortear teoricamente nosso artigo. Depois, apresentamos, a fim de também fundamentar nossa discussão, pontos

---

<sup>55</sup> FRANCISCO, 2018, p. 82-85.

gerais sobre o domínio de prática social religioso, bem como algumas características do DR. Posteriormente, revisitamos noções panorâmicas atinentes à etnografia e, logo, após explicitamos peculiaridades acerca da personalidade e da gestão eclesial do papa vigente, para que culminássemos com a análise proposta.

Podemos concluir, à luz dos postulados da AD de linha francesa, que o DR do papa Francisco reconstrói, por meio do estatuto semântico a enriquecer a construção argumentativa, a figura dos seguidores cristãos que recebem esse discurso; e, dentro dessa reconstrução sócio-histórica, o DR papal contém aspectos etnográficos, em termos de pensamento e de metodologia, a partir dos quais valores são (re)pensados para ações que alcancem os seres humanos em suas realidades. Alguns desses aspectos são o chamado a uma atitude evangelizadora em contínua saída, a busca pelos excluídos sem ideias pré-definidas, a dedicação de tempo aos evangelizados, o apelo ao diálogo e à escuta, a participação nas atividades do público-alvo da missão, entre outros. Desse modo, o DR do papa Francisco, além de constituir um rico subsídio para refletirmos e entendermos as práticas discursivas como práticas sociais, fornece aos cristãos traços de um modelo etnográfico reflexivo-performativo que apontam diretamente para a instauração de uma Igreja que é renovada, que promove constantemente a busca do outro em seus contextos, que se encontra permanentemente em saída.

### Referências

- BAKHTIN, Mikhail. *Problemas da poética de Dostoiévski*. 5ª ed. Tradução brasileira. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.
- CEFAÏ, Daniel. Provações corporais: uma etnografia fenomenológica entre moradores de rua de Paris. *Lua Nova*, São Paulo, n. 79, p. 71-110, 2010. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ln/n79/a05n79.pdf>>. Acesso em: 17 de maio de 2019.
- CHARAUDEAU, Patrick. *Linguagem e discurso: modos de organização*. 2ª ed. São Paulo: Contexto, 2010.
- FIORIN, José Luiz. Teoria e metodologia nos estudos discursivos de tradição francesa. In: SILVA, Denize Elena Garcia da; VIEIRA, Josênia

- Antunes (Org.). *Análise do Discurso: percursos teóricos e metodológicos*. Brasília: Editora Plano, 2002.
- FRANCISCO, Papa. *Evangelii gaudium: sobre o anúncio do evangelho no mundo atual*. São Paulo: Paulinas, 2013.
- \_\_\_\_\_. *Gaudete et exultate: sobre o chamado à santidade no mundo atual*. São Paulo: Paulinas, 2018.
- \_\_\_\_\_. *O nome de Deus é Misericórdia*. Tradução de Catarina Mourão. São Paulo: Planeta, 2016.
- GUBER, Rosana. *La etnografía: método, campo y reflexividad*. Bogotá: Grupo Editorial Norma, 2001.
- MACHADO, Ida Lúcia. A Semiolinguística de Patrick Charaudeau: uma interessante opção de análise discursiva. *Contexto*, Espírito Santo, n. 1-2, p. 26-31, 1992. Disponível em: < <http://periodicos.ufes.br/contexto/article/view/7041/5176>>. Acesso em: 29 maio 2019.
- MARCOS, São. Evangelho de Marcos. In: *Bíblia Sagrada de Jerusalém*. Nova edição revista e ampliada. 6ª impressão. São Paulo: Paulus, 2010.
- MATEUS, São. Evangelho de Mateus. In: *Bíblia Sagrada de Jerusalém*. Nova edição revista e ampliada. 6ª impressão. São Paulo: Paulus, 2010.
- MATTOS, Carmem Lúcia Guimarães de. A abordagem etnográfica na investigação científica. In: \_\_\_\_\_; CASTRO, Paula Almeida de (Org.). *Etnografia e educação: conceitos e usos*. Campina Grande: EDUEPB, 2011. p. 49-83.
- MELO, Mônica Santos de Souza. Considerações sobre o domínio de prática discursiva religioso. In: \_\_\_\_\_ (Org.). *Reflexões sobre o discurso religioso*. Belo Horizonte: Núcleo de Análise do Discurso, Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, Faculdade de Letras da UFMG, 2017, p. 131-148.
- MOITA LOPES, Luiz Paulo da. Contextos institucionais em Linguística Aplicada. *Intercâmbio*, São Paulo, v. 5, p. 3-14, 1996. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/intercambio/article/view/4107/2753>>. Acesso em: 29 maio 2019.
- MOYNIHAN, Robert. *Rezem por mim: a vida e a visão espiritual do Papa Francisco: o primeiro papa das Américas*. Tradução Books & Ideas Serviços Editoriais. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2013.

- ORLANDI, Eni Pulcinelli. *A linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso*. 4. ed. Campinas: Pontes Editores, 1996.
- \_\_\_\_\_. *Análise de Discurso: princípios e procedimentos*. Campinas: Pontes Editores, 2015.
- PASSOS, João Décio. *Método Teológico*. São Paulo: Paulinas, 2018. (Coleção Teologia do Papa Francisco).
- PEDROSA, Cleide Emilia Faye. Discurso religioso: funções e especificidade. *SOLETRAS*, São Gonçalo, n. 13, p. 38-45, jan./jun. 2007. Disponível em: <<https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/soletras/article/view/4694>>. Acesso em: 29 maio 2019.
- PEIRANO, Mariza. Etnografia não é método. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, ano 20, n. 42, p. 377-391, jul./dez. 2014. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/s0104-71832014000200015>>. Acesso em: 30 maio 2019.
- PEREIRA, Rodrigo Acosta; RODRIGUES, Rosângela Hammes. Os gêneros do discurso sob perspectiva da Análise Dialógica do Discurso. *Letras*, Santa Maria, v. 20, n. 40, p. 147-162, 2010. Disponível em: <<https://periodicos.ufsm.br/letras/article/viewFile/12149/7543>>. Acesso em: 29 maio 2019.
- ROCHA, Gilmar. A etnografia como categoria de pensamento na antropologia moderna. *Cadernos de campo*, São Paulo, v. 15, n. 14/15, p. 99-114, 2006. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/cadernos-decampo/article/view/50100>>. Acesso em: 30 maio 2019.
- SILVA, Denize Elena Garcia da. Percursos teóricos e metodológicos em Análise do Discurso: uma pequena introdução. In: \_\_\_\_\_; VIEIRA, Josênia Antunes (Org.). *Análise do Discurso: percursos teóricos e metodológicos*. Brasília: Editora Plano, 2002.
- VIEIRA, Josênia Antunes. As abordagens críticas e não-críticas em Análise do Discurso. In: \_\_\_\_\_; SILVA, Denize Elena Garcia da (Org.). *Análise do Discurso: percursos teóricos e metodológicos*. Brasília: Editora Plano, 2002.